

História geral da filosofia

Iarle Ferreira

iarleferreira@hotmail.com

Doutoranda em Filosofia pela UNISINOS. Bolsista PROSUP/CAPES

A história da filosofia é a narrativa acerca do pensamento humano em face dos problemas surgidos na vida cotidiana e às soluções encaminhadas pelo espírito. O caminho feito por Störig na densidade narrativa desse pensar seria como tantos outros não fosse atual e consagrado por mais de dez gerações acadêmicas. Consagração que se deve à clareza, tanto da exposição analítica desses problemas quanto das argumentações em torno das teorias que se pretendem solução para os mesmos. Tudo em uma linguagem aberta, apta a servir tanto a profissionais da área quanto a qualquer um interessado em filosofia.

A edição que agora é traduzida para o português é a 17ª, revista e ampliada. Trata-se da exposição do pensamento dos gregos até os nossos dias, sem prescindir do pensamento oriental. Está dividido em sete seções. E, embora o autor diga que o catalisador da narrativa sejam as três questões de Kant sobre o que podemos saber, o que devemos fazer, e em que podemos acreditar, o acento está na primeira delas.

A primeira seção trata da sabedoria do oriente a partir de interface com o pensamento ocidental. Considera que os orientais fizeram filosofia na medida em que se ocuparam dos problemas do conhecimento, da ação e da crença, questões que, sem dúvida, perpassam toda a história da filosofia. O autor apresenta o problema do fundamento último, registrado na literatura *veda* (p. 23), assim como identifica o imperativo categórico de Kant, registrado na passagem de um texto de Tschung Yung, discípulos de Confúcio, nos seguintes termos: "O nobre movimentar-se constantemente de tal maneira que sua intervenção pode servir como exemplo geral em qualquer tempo [...]" (p. 86). Ponto de vista a partir do qual desenvolve toda a sua narrativa acerca dos orientais, apresenta-os a partir da Índia e da China antigas, tomadas como grandes tradições do pensar.

A segunda seção apresenta a filosofia grega antiga e o helenismo. Em relação à primeira, considera a época de Péricles como a "idade de ouro" e, seguindo o que parece ser mesmo uma tendência dos alemães, apresenta o pensamento de Platão como uma grande síntese do pensamento anterior, e ao mesmo tempo como ruptura com esse pensar, na medida em que o platonismo foi o grande forjador de uma nova tradição do pensamento grego que se estende até nossos dias. A filosofia de Platão passa pelo helenismo como aquela que, não obstante as tendências da época, dá suporte ao espírito prático do romano, voltado para a ética e para o Estado.

Na filosofia da Idade Média, que compõe a exposição da terceira seção, Agostinho é o grande núcleo para onde convergem as discussões patrísticas que processaram os dogmas fundamentais da Igreja. A escolástica, representada por vários pensadores, foi responsável pela articulação metódica entre filosofia e teologia. O autor, contrariando o que comumente se ouve, ao referir-se a Tomás de Aquino declara que "ordenar, diferenciar, classificar [...], nisso consiste a grandeza e a importância de sua obra" (p. 223).

Renascimento e barroco são os temas da quarta seção. O espírito do renascimento é focalizado nas obras de dois pensadores, Michel de Montaigne e o filósofo Nicolau de Cusa. Apresenta a era barroca a partir de três sistemas, cujos traços comuns são o ideal matemático do conhecimento, a tentativa de encontrar para a filosofia um método universalmente válido e o empenho por criar um sistema filosófico equilibrado. Traços que vão caracterizar o projeto moderno, marcado por grandes personagens como, Descartes Leibniz, Pascal, Spinoza.

Na quinta seção, o autor apresenta o iluminismo a partir da Inglaterra, da França e da Alemanha. Todavia, o iluminismo francês foi o que teve peso histórico maior, tendo sua distinção dos demais por seu radicalismo levado às últimas consequências, a saber, à Revolução Francesa.

Na Alemanha há dois grandes pensadores iluministas. Leibniz é o seu primeiro representante e Kant é o último. A força do iluminismo alemão está mais na acentuação da precedência da razão prática e em sua profunda influência. Kant, o último gênio do Iluminismo e simultaneamente o seu crítico mais agudo, encaminhou o movimento para além de si mesmo. Ele é o filósofo predileto do autor, que o coloca em diálogo, sempre que possível, com outros filósofos e, além disso, lhe dedica 45 páginas isoladamente.

A sexta seção apresenta a filosofia do século XIX como comumente é apresentada, como prosseguimentos da filosofia kantiana. O idealismo alemão, cujo foco é o "eu", a "história"; o positivismo e o materialismo, que focaliza o mundo empírico; o romantismo, como protesto ao espírito das luzes; e o neokantismo, como reavaliação crítica de Kant.

A sétima seção se subdivide em duas partes principais. As escolas filosóficas, que surgem até a metade do século, e os temas que surgem a partir daí. A característica comum desse período é que, no lugar de pensadores isolados e "sistemas", há muito mais temas cuja colaboração dos especialistas das ciências está presente, realizando, de certa forma, segundo o autor, o "cientificismo" da filosofia aspirado por alguns.

A *filosofia da vida* é uma reação ao Iluminismo. Quer compreender a vida "vivente" que não pode ser apreendida com os meios do mero pensamento. Já se havia aplicado anteriormente o termo "filosofia da vida" à filosofia de Schopenhauer e Nietzsche. Eles, disse Georg Simmel, um dos mais recentes filósofos dessa linha, já haviam destronado a razão iluminada. Para a maioria dos filósofos dessa escola, existem dois princípios fundamentais, a "vida" e algo, ou mesmo muitas coisas que se contrapõem a ela. Entre eles estão Wilhelm Dilthey, Bergson, Dudwig Klages e Hermann Keyserling, o autor de o *Diário de um filósofo*, que, segundo Störig, é "um dos livros mais cativantes do século XX" (p. 489).

William James foi o primeiro americano a se servir da língua para filosofar. Ele corporificou a inclinação de seu povo para aquilo que é imediato, presente e prático. Fazendo nascer o *pragmatismo*, que ele próprio define como uma postura que se abstrai das coisas primeiras e supostas necessidades e se dirige para as consequências e fatos.

Outro tema desse período é a *ontologia*. A ontologia pergunta "O que é isto?". As respostas, em geral, não prescindem da experiência e recusam um conhecimento apriorista, sem recusar a racionalidade. À medida que a ontologia aspira apreender imediatamente o ser, encontra-se em direção conjunta de um grande movimento realista no pensamento, que se encaminha para o concreto; iniciado por volta de 1890. Para Nicolai Hartmann, a questão é saber se categorias ontológicas podem ser deduzidas das categorias do nosso conhecimento. A sua resposta é não!

A escola fenomenológica, cujo programa foi definido por Husserl como o sendo de uma ida "às coisas mesmas", propõe um tipo de pensamento que se opõe às construções abstratas e volta-se para a vivência concreta. Dilthey designou *Investigações lógicas* de Husserl como o "primeiro grande progresso da filosofia desde Kant" (p. 507). A *fenomenologia* influenciou diversos pensadores, entre eles Scheler e Heidegger. Com esse último, a fenomenologia se atualiza em uma perspectiva bem particular, sem, contudo, perder a sua "essência", já que consiste no resgate da mundanidade do homem, que Heidegger compreende como ser-no-mundo.

Dentre os temas que ganham fôlego na segunda metade do século XX está a *antropologia filosófica*. Tema antigo que atravessou toda a história da filosofia, mas apenas no século XX torna-se um campo específico de reflexão. O que ocorreu, antes de tudo, porque as ciências, com suas considerações biológicas, psíquicas e históricas, desde Darwin, Freud e Dilthey, respectivamente, trouxeram conhecimento que exige uma síntese e uma interpretação. Segundo o autor, foi isso que Max Scheler, como um dos pioneiros nessa área, tentou empreender, com a sua obra *A posição do homem no cosmos*. Por isso, pode ser atribuído a ele o nascimento da moderna antropologia.

No campo da filosofia da linguagem as ideias de Saussure e de Wittgenstein provocaram uma verdadeira revolução. Para o primeiro é preciso distinguir *parole*, a fala viva, e *langue*, o sistema linguístico. Para Wittgenstein, do *Tractatus*, tudo que pode ser dito, pode ser dito de maneira clara, diferentemente de *Investigações Filosóficas*, para quem as palavras e as proposições da língua são habitualmente plurissignificativas, vagas, inexatas. O que reforça a pluralidade das questões presente na esfera do tema "linguagem". Também ganha destaque no livro a revolução na teoria da linguagem provocada pelos escritos de Chomsky e a perspectiva que começa a se delinear a partir das pesquisas que sondam empiricamente no cérebro os processos que transcorrem na produção e na recepção da linguagem.

A partir de 1960, a *teoria do conhecimento* dá lugar à *teoria da ciência*. A discussão filosófica em torno das bases, métodos e limites do conhecimento científico se transformou em uma corrente ampla, difícil de ser considerada em seu todo. As contribuições vêm de muitos

lados com acento no campo anglo-saxão. O autor destaca o *neopositivismo* e a *filosofia analítica*. Sendo o a *filosofia analítica* constituída pelo esforço em torno de uma nova fundamentação lógica da matemática; pelas investigações acerca da formação conceitual das ciências e o terceiro campo é pela teoria do conhecimento empírico.

Para a opinião pública, as questões mais importantes partem das ameaças ao homem que emerge da aplicação técnica dos conhecimentos científicos. Como é o caso da energia nuclear e dos danos à natureza. Nesse ponto surge a pergunta: O que fazer? As respostas são traduzidas, de certo modo, nas diversas reflexões sobre a ação, sobretudo política e ética, que no século XX povoaram os debates não só filosóficos, mas científicos e mesmo os do homem comum. Na nossa época desconfia-se de um parâmetro geral para a ação, mas se ele existe, onde se encontra, na consciência, na argumentação, nas leis do Estado, na intenção, nas consequências da ação?

A relação entre homem e natureza é exposta ao debate, à parte as diversas concepções de natureza. De modo a não ser possível dizer que o homem não seja parte integrante da natureza, embora se coloque como seu observador e explorador, em uma tensão dialética que sempre existiu. A questão é saber como é que um traço que já estava estabelecido no homem pôde conduzir no século XX a uma crise que ameaça a humanidade. As respostas apresentadas pela maioria dos autores é que isso ocorre pela aliança ciência e técnica. Entretanto, apenas um número relativamente pequeno de filósofos se ocupou com a essência da técnica. Dentre eles: Oswald Spengler, Friedrich Dessauer, José Ortega y Gasset, Arnold Gehlen, Vittorio Hösle, Martin Heidegger e o seu aluno Hans Jonas.

À medida que a tradição foi perdendo o poder de convencimento, tanto mais urgente se tornou encontrar um fundamento último para a ação. Foi nessa direção que se empenhou Karl Apel e Jürgen Habermas. Ambos partem de argumentos a favor do discurso entre as pessoas, como fundamento último da ação ética.

Hoje existe um campo de discussão chamado de *ética evolucionista*, que tomou corpo principalmente entre os biólogos. As premissas vêm do século XIX, com a pergunta que já havia ocupado Darwin: será que a moral é um produto da nossa evolução e, com isso, "natural", ou será que consiste muito mais em resistir a impulsos naturais? A resposta a essa pergunta tem basicamente duas direções. A tomada por Thomas H. Huxley, para o qual a moral deve pôr termo aos ímpetus naturais do homem. E a tomada por Peter A. Kropotkin, segundo o qual a natureza não nos ensina um amoralismo, de maneira que o conceito de bem e do bem supremo seriam deduzidos muito mais da natureza.

Hoje as reflexões transcorrem de maneira semelhante. Aquilo que Herder tinha em vista ao denominar o homem o "primeiro ser liberto da natureza" foi expresso da seguinte forma por Hans Jonas: "no homem a natureza perturbou a si mesma e foi só no seu dom moral que ele deixou aberto um equilíbrio incerto para a segurança abalada da "autorregulação".

Acentuarei, diz o autor, que tanto Herder quanto Jonas, ao pressuporem o fato de o homem se mostrar comparativamente com o animal como um ser precário, não é totalmente correto, uma vez que o chimpanzé chega ao mundo do mesmo modo, sem os instintos necessários para sobreviver, devendo aprender de início quase tudo. A ênfase do autor, ao término do trabalho, é no avanço das pesquisas acerca das conexões entre cérebro, consciência e espírito, por meio da cooperação entre filosofia e ciências.

Ênfase que recai sobre um espaço que não me arriscaria a tomá-lo como o mais apropriado. Entretanto, para tentar uma resposta ao problema de como devemos viver, ofício complicado, não se deve desprezar nenhum saber. Além de tudo o que já foi dito, o autor tem o mérito de fazer um panorama da nossa história como um todo, o que o torna uma boa referência de leitura

Referência

STÖRIG, Hans Joachim. *História geral da filosofia: A sabedoria do oriente, a filosofia grega, a filosofia medieval, o renascimento e o barroco, o iluminismo e a obra de Kant, a filosofia do século XIX, correntes filosóficas do século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. 688p.